

UMA LEITURA DO TEXTO

“O DISCURSO ANALÍTICO, A TRANSFERÊNCIA E A CONTEMPORANEIDADE COM SEUS GADJETS”

DE
AURÉLIO SOUZA

Boa noite a todos!

Início minha fala agradecendo a Aurélio pela oportunidade de debater seu trabalho, pois a leitura de seu texto permite estabelecer algumas balizas no percurso de uma reflexão consistente sobre uma noção tão fundamental da prática analítica, como é a noção de transferência.

Vale notar que tal reflexão torna-se essencial, num momento em que ouvimos aqui e ali os ecos de questões colocadas à psicanálise – como teoria e clínica – oriundas de diferentes direções a exemplo do discurso capitalista ou da onipresença na vida contemporânea de variados artefatos tecnológicos. Poderíamos acrescentar, ainda, questionamentos fundados nas neurociências, no desenvolvimento da psicofarmacologia, e mesmo no campo da reflexão política.

Creio com Lacan que temos a responsabilidade de “estar à altura de nossa época” não só para levar adiante a psicanálise tal como a recebemos mas, sobretudo, para aprofundar e enriquecer seu saber teórico/clínico no sentido de que, como foi já escrito algures, o ‘saber fazer’ jamais venha a se degradar no ‘fazer como’... Freud, Lacan ou quem quer que seja.

Como, por um lado, manter o gume afiado de nossa prática sem desvirtuá-lo em meio a discursos tão adversos? Mas, por outro lado, como usar tais questionamentos para dizer melhor aquilo que nos compete? E mesmo – porque não? – para revelar novas dimensões de antigas noções? Onde está o essencial de nossa disciplina e de nosso ofício? Aquilo que uma vez assegurado, nos possibilitaria navegar com precisão e proveito através deste admirável mundo novo?

Este é o grande desafio. Aqui cresce o texto de Aurélio, com sua retomada histórica sobre a transferência a apontar o caminho das pedras. Aqui também nos ajuda o texto de Aurélio ao propor questões sensíveis a serem tratadas.

Vamos então segui-lo.

Destaco algumas observações sobre a história da noção de transferência tal como apresentadas no texto. Esta história começa no período pré-psicanalítico e justamente vai cumprir o papel de pavimentar o caminho para o advento da psicanálise. Assim a nossa disciplina começa com a transferência e particularmente a transferência amorosa. Já nesse início podemos observar as dimensões da fala, do saber e do acesso ao inconsciente que se abrigam sob o significante transferência.

Com Lacan, a noção de transferência vai se tornar progressivamente mais complexa, em sua articulação com a linguagem e com as categorias do real, simbólico e imaginário.

Mas o grande avanço teórico e clínico da noção de transferência parece ocorrer com a introdução da dimensão da estrutura, a partir da qual ela se tornará ao mesmo tempo uma e múltipla. Aurélio afirma: a transferência é uma, mas pode se manifestar de variadas maneiras.

É importante estarmos advertidos, contudo, de que o contínuo avanço teórico da psicanálise não nos autoriza o descarte de certos momentos da teoria em benefício de outros, considerados mais avançados, sob o risco de perder a capacidade de fazer dialogar as diferentes proposições teóricas.

Outro ponto que gostaria de esclarecer refere-se à passagem em que Aurélio lembra a importância de que o analista não responda com as mesmas cartas que o analisante lhe apresenta sob transferência e que para isso se pode contar com a análise pessoal do analista. Nesse momento, ele traz o mandamento ético de “não ceder quanto ao desejo”. Já ouvi essa frase traduzida como “não ceder ao seu desejo” e também como “não ceder de seu desejo.”

Penso que um enunciado resulta muito diferente do outro, constituindo essa diferença justamente o fundamento da diferença entre a dimensão moral e a dimensão ética. Assim, gostaria que você pudesse retomar a frase como você traduziu, “**não ceder quanto** ao desejo”, e esclarecer como você a entende.

Por exemplo, eu diria que Breuer cedeu **de** seu desejo, rompendo com o mandamento ético que norteia a psicanálise desde o início, ainda que tivesse permanecido, no que diz respeito à Bertha, obediente à lei moral de sua época, em outras palavras, não cedeu **ao** seu desejo. Não ceder de seu desejo permitiria a Breuer, ao contrário, manter a posição ética que faria do desejo um operador na análise, como desejo do analista.

Seguindo ainda o texto, achei esclarecedora a passagem que aborda o ‘sujeito suposto saber’ ou ‘sujeito suposto ao saber’ afirmando que nessa condição não é o saber que é suposto mas sim o sujeito, o que implica que o saber está sempre do lado do significante onde quer que ele surja. Para mim essa leitura teve o efeito de deslocar a noção de um saber suposto ao Outro. O problema é que numa frase imediatamente seguinte você parece ter usado Outro e sujeito indistintamente. Gostaria que você retomasse esse ponto.

A próxima questão que proponho, vou reproduzir porque não compreendi mas me deixou bastante intrigada. Trata-se da seguinte passagem:

“Nesse último Discurso, quando o analista se presentifica sob essa função de diversificados semblantes de objeto (a), ele não só se torna causa do desejo, para o analisante sob a função Sujeito, estabelecendo um tipo de laço discursivo, entre eles, como participa, também, em cenas da Cultura, com efeitos no Social, entre outras condições, que recobrem a análise a cada momento”.

O que quer dizer que ele participa em cenas da cultura?

Finalmente chego à passagem que dentre muitas me pareceu a mais instigante do texto. Trata-se do parágrafo que começa com a frase:

“Aqui, no entanto, gostaria de compartilhar esta proposição de que, quanto mais a prática da análise é compartilhada, em extensão, mais ela é ferida em seus fundamentos.”

Nesse ponto, gostaria de trazer algumas considerações à sua atenção. O primeiro argumento refere-se ao fato de que a transferência à psicanálise que sustenta o fazer do psicanalista nas instituições pertence ao campo da psicanálise em extensão e diz respeito à possibilidade de transmissão do impossível de transmitir da análise. E esse movimento, ao contrário de ferir a psicanálise em seus fundamentos, a faz avançar como um saber.

Nessa perspectiva se a psicanálise em intensão é o fundamento necessário da prática analítica, não é seu fundamento suficiente. Pois o que fica de resto para o analista de cada análise que conduz é o que, ao ser manejado por uma escrita, move não só a psicanálise como teoria, mas também a possibilidade da escuta clínica do analista.

Por outro lado, a própria descrição que o texto apresenta da evolução da noção de transferência ao longo do tempo evidencia o quanto tal evolução deve à interlocução da psicanálise com o campo da cultura. Diria que é na cultura que podemos encontrar os elementos essenciais à formulação e, portanto, à transmissão da psicanálise. E isso vai do Édipo à cadeia borromeana, para não falar do Banquete de Platão.

Como ser analista sem transmitir sua prática? O recurso à cultura não está diretamente ligado à transmissibilidade impossível da psicanálise?

A continuidade deste parágrafo faz uma advertência sobre a deformação produzida pelo discurso capitalista sobre o sintoma tal como concebido na psicanálise assim como alerta sobre a impossibilidade de apreender na cultura uma dimensão de não-toda verdade que só se realiza na análise em intensão.

É fato que vez por outra se pratica na psicanálise, sob a inspiração de Freud e do próprio Lacan, o arriscado exercício de leitura do sujeito fora dispositivo da transferência. Por outro lado, o cinema, a literatura e o teatro são muito mais frequentemente utilizados, por Lacan pelo menos, como textos onde ele pode localizar estruturas que a clínica revela. E não me refiro aqui a estruturas psicopatológicas, em outras palavras, do sujeito, mas estrutura no sentido de andaime ou arquitetura como ele indica, por exemplo, em Hamlet – não o personagem, note-se bem, mas a peça – no que se refere a estrutura do desejo.

Ainda no campo da psicanálise em extensão, retomo a passagem do texto que valoriza o aspecto de que a transferência já existe desde o começo de uma análise. A transferência vem antes que uma análise se estabeleça. Aqui somos levados a refletir sobre as condições de sua instalação.

Ocorre-me indagar se de algum modo isso não remete ao lugar que a psicanálise ocupa na cultura? Não fará diferença para a transferência analítica, a transferência com a própria psicanálise? Algo se acrescenta à instalação da transferência, sim ou não, pelo deslocamento do equivocado “Freud explica” para o igualmente equivocado “psicanalista é aquele que não fala nada”?

Para concluir, gostaria de propor uma última questão que me suscitou o trabalho de Aurélio. Nele vem marcado o desvirtuamento que o discurso capitalista implica para o discurso do analista, o que talvez remeta a uma preocupação com o futuro da psicanálise.

No entanto, Lacan é enfático ao afirmar que o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência, um sujeito, portanto, que preside o advento da modernidade. Naturalmente essa frase significa que o sujeito com o qual trabalhamos é o sujeito da ciência na condição de ser o seu avesso, o que nem por isso deixa de requisitar a presença daquele para vir à luz e, nesse sentido, diz também Lacan que a psicanálise não poderia ter surgido antes do advento da ciência moderna. Em outras palavras, é sobre o discurso da ciência que a psicanálise sobrevive de fazer furo.

Ora, se seguirmos o pensamento de Anthony Giddens, em seu livro: ‘as consequências da modernidade, onde ele afirma que a pós-modernidade nada mais é que a radicalização da modernidade, poderíamos talvez pensar que à radicalização do modo de produção capitalista não à toa articulado com a radicalização do predomínio da técnica que nos encaminha a passos largos para o homem-máquina, não poderia arrastar como resposta uma consequente radicalização do discurso do analista e da própria psicanálise? Tivemos aí, em algum momento da história, talvez um tempo áureo da psicanálise. Pois bem, ele acabou. Como consolo a ideia de que essa nunca foi a vocação para a qual Freud se deu ao trabalho de fundá-la. Ela nasceu para ser a peste ou o furo, arauto do real. Se o mundo está se radicalizando, não será esse também o nosso alimento e destino?

Sheyla Machado
Em março 2